

SEGUE O CAFÉ A VOCAÇÃO SUICIDA DOS CICLOS ECONÔMICOS BRASILEIRO?

DO PÁU-BRASIL À BORRACHA
UM PÓ À PROCURA DE UM NOME QUE O DEFINA

MANOEL DE CASTRO VILLAS BOAS

Por gentileza do Instituto de Organização Racional do Trabalho, transcrevemos de sua revista — IDORT — de Maio-Julho de 1962, o interessantíssimo artigo abaixo, de autoria do Dr. Manoel de Castro Villas Boas, intitulado "Segue o Café a vocação suicida dos ciclos econômicos brasileiros?". Se a pergunta é oportuna, embora preferamos respondê-la pela negativa, mais curiosa ainda é a sua percuciente dissertação sobre os grandes interesses de cúpula do comércio distribuidor estrangeiro, interessado num domínio absoluto da economia cafeeira mundial e que talvez tenha repercussões políticas de certa gravidade, e que muito poucos enxergam, dentro de nosso território.

São muitas as indagações e meditações a que esse artigo nos leva, quer no terreno da política exterior, quer no da econômica internacional, quer, ainda, no da economia interna.

O autor faz um retrospecto sobre os vários ciclos econômicos brasileiros e as razões de seu declínio, mostrando a possibilidade de seguir o café idêntico roteiro, pela deslocação para a África do seu principal centro produtor. De fato, o momento e as circunstâncias econômicas internacionais reclamam atenção e cuidado, não devendo ficar despercebido que, por motivos até agora incompreensíveis, a política brasileira do café é a mais anti-brasileira que se pode imaginar. Todavia, passemos a palavra ao articulista, para cujo trabalho recomendamos a máxima reflexão.

"É" uma herança cultivada com desvelo, legada por nossos avoengos e que gerações porfiam, em manter, essa da autodestruição e o esgotamento das nossas riquezas.

No século XVI o vovô índio assistiu impassível o arrazamentado de vastas áreas de páu-brasil levado a efeito por holandeses, franceses e ingleses, acreditando, piamente, que toda aquela madeira fosse para queimar e aquecer em plagas distantes, os lares, daqueles homens tão gentis, que depois de carregar aquela coisa inútil refulzentes e onde se refletia a sua própria imagem. Um dia acabou a floresta, e os homens brancos não mais voltaram. Ficou o deserto, ficou a desolação.

Depois a febre do ouro, do diamante, que resultou guerras san-

tas, cruzadas e o enriquecimento de outros povos.

E no século XIX, o estranho vapor que aportou em Belém, Manaus e em outros portos do rio Amazonas, tendo a bordo alguns poucos passageiros, diplomatas e por isso mesmo munidos de imunidades. Dado ao caráter científico e de estudos, título que emprestavam à sua viagem, todas as facilidades foram proporcionadas. Festas, recepções, bailes foram realizados em homenagem àqueles homens, àqueles sábios, que deixavam o conforto dos seus lares para conhecer o Amazonas selvagem, suas plantas, seus peixes e principalmente os seus habitantes.

E tão sincero era o seu interesse em pró da ciência, que até boa parte do seu conforto foi sacrificada para dar lugar a enormes estu-

fas, que receberam imensas quantidades de plantas de região, principalmente e muito de propósito, muitos milhares de mudas de seringueiras, material que, segundo os diplomatas, seria distribuído às Universidades, Museus e Escolas para estudo.

Tudo foi facilitado pela nossa gente para o êxito daquela missão que se dizia de intercâmbio cultural.

Tal grato ficaram os membros daquela comitiva diplomata pelas atenções e facilidades recebidas e cuidaram com tanto carinho, com tanto desvelo, daquele valiosíssimo acervo entregue de boa fé pela gente, que hoje se acham multiplicados por milhões de árvores, e cobrem uma boa parte da África e Ásia liquidando assim a base da economia amazônica que foi a seringueira.

Essas considerações é para lembrar que o mesmo está acontecendo com o café.

A custa de imensos esforços erguemos com sacrifícios de gerações a maior lavoura do mundo. Estradas de ferro, de rodagem, centenas de cidades, um parque industrial, uma civilização foram criadas, onde era sertão, graças a rubiácea. Lamentavelmente, se a parte agrícola foi realizada com paizão e conhecimento do assunto, o mesmo não acontece no setor e com aqueles que cuidam de sua comercialização e principalmente da defesa da bebida, do bom café bebida.

E o resultado aí está patente no Estado, onde se deveria tomar o melhor café bebe-se o pior café do mundo.

As causas deste estado de coisas, a grosso modo, resume-se no seguinte: desaprendemos a técnica simples e criu-la da preparação do café, grãos livres de impurezas — torração e moagem criteriosas — medidas certas de pó — temperatura exata de água e principalmente o uso do coador.

CAFEICULTOR

colha mais café com **SALITRE DO CHILE**

em cobertura, em doses parceladas, de 100 grs. com intervalos de 30 dias a contar da última chuva, iniciando a esparrramação do cisco. Faça agora a sua encomenda para embarques imediatos ou futuros.

ARTHUR VIANNA — COMPANHIA DE MATERIAIS AGRICOLAS

Rua Florêncio de Abreu, 270 - Fone 32-7101 - São Paulo

O Salitre do Chile é encontrado, à venda em todas as firmas de adubos.